

Hábitos empreendedores e preferências profissionais em estudantes de administração de empresas da cidade de Arequipa

Entrepreneurial Habits and Professional Preferences in Students of Business Administration from Arequipa City

Noelia Araceli Jiménez Barrios
Walter Lizandro Arias Gallegos
Renzo Rivera

RESUMO


Este artigo apresenta a descrição e comparação de hábitos empreendedores e preferências profissionais de 213 estudantes do último ano de Administração de Empresas de três universidades da cidade de Arequipa. Para este estudo foram aplicados coletivamente o Questionário de Hábitos Empreendedores e o Perfil de Preferências Profissionais de Pereyra. Verificou-se que 30,5% têm preferências profissionais pela carreira de administração e apenas 14% têm um negócio atual, enquanto, com relação às preferências profissionais, constatou-se que os alunos da UCSM têm maior vocação para a carreira (40,5%), em comparação com Alunos da UNSA (29%) e UCSP (20%). Da mesma forma, os alunos que iniciaram um negócio lucrativo apresentam mais hábitos empreendedores e existem relações positivas entre hábitos empreendedores, idade e Realismo, embora sejam Baixas.


Palavras-chave: Hábitos empreendedores, preferências profissionais, administração de empresas, empreendedorismo.


Recebido em: 06/07/2023
Aprovado em: 08/12/2023

ABSTRACT

This article presents the description and comparison of entrepreneurial habits and professional preferences in 213 students in the last year of the Business Administration career at three universities in the city of Arequipa. For the present study, the Entrepreneurial Habits Questionnaire and Pereyra's Profile of Professional Preferences were applied collectively. It was found that 30.5% have professional preferences for the administration career and only 14% have a current business, while, with respect to professional preferences, it was found that UCSM students have a greater vocation for their career (40.5%), com-

Noelia Araceli Jiménez Barrios 
najimenez@ucsp.edu.pe
Universidad Católica San Pablo/ Arequipa – Perú

Walter Lizandro Arias Gallegos 
warias@ucsp.edu.pe Universidad
Católica San Pablo / Arequipa – Perú

Renzo Rivera 
crrivera@ucsp.edu.pe
Mestrado em Saúde Pública
Universidad Católica San Pablo Arequipa – Perú

ABSTRACT

pared to students from UNSA (29%) and UCSP (20%). Likewise, students who have started a profitable business have more entrepreneurial habits and there are positive relationships between entrepreneurial habits, age, and Realism, perhaps they are low.

Keywords: Entrepreneurial habits, professional preferences, business administration, entrepreneurship.

Empreendedorismo em estudantes: contextos e variáveis associadas

Em 1974, em Harvard, foram criados cursos e programas para promover o empreendedorismo, sendo Joseph Alois Schumpeter o primeiro a referir-se ao termo “empreendedorismo” (León, 2023). Mais tarde, na década de 1980, o termo empreendedorismo ganhou maior interesse por parte das escolas de negócios no que diz respeito à geração de negócios ou gestão de empresas. Da mesma forma, mais recursos teóricos foram gerados sobre o empreendedorismo em alguns ramos como economia, antropologia e psicologia (Guzmán, & Trujillo, 2008).

Agora, podemos definir empreendedorismo como a capacidade de gerar um negócio ou criar uma empresa, assim, para iniciar um negócio ou empresa o empreendedor enfrenta dificuldades, desafios e deve enfrentar adversidades (Portocarrero et al., 2010). Da mesma forma, uma educação que enfatize o empreendedorismo pode gerar atributos e atitudes mais favoráveis à criação de negócios (Duarte, & Ruiz, 2009). Nesse sentido, a Colômbia é um país que implementou vários mecanismos para educar o empreendedorismo, uma vez que 85% das universidades possuem centros de empreendedorismo (León, 2023), e segundo alguns relatórios, até 52% dos empresários têm um nível de ensino superior, o que proporciona aos seus negócios maior sustentabilidade e sucesso devido ao seu conhecimento técnico, projetos e gestão ou gestão de tecnologias, entre outros aspectos (Soria-Barreto et al., 2021). Da mesma forma, um empreendedor qualificado obtém maior sucesso pela experiência e conhecimento adquirido, o que promove condições empreendedoras (Vázquez, 2018).

No entanto, a realidade na América Latina é diferente dos países desenvolvidos, uma vez que a maioria dos jovens latino-americanos iniciam os seus negócios

porque não têm emprego, têm baixos níveis de escolaridade e são autônomos, o que gera uma baixa produtividade, maiores chances de fracasso e poucas chances de gerar uma empresa maior. Dessa forma, tornam-se empreendedores de subsistência, um tipo de empreendedorismo que ocorre por necessidade (Saavedra, 2020). Reforçando o exposto, Schneider (2008) destaca que administrar um negócio pela intuição tem maior probabilidade de falhar, e também afirma que na América Latina um processo estratégico não é realizado por falta de conhecimento, porque pouca utilidade é percebida e é considerada-se que não haverá maiores mudanças nos negócios. Na verdade, apenas 40% dos negócios iniciados na América Latina têm mais de 5 anos (Arias & Jiménez, 2014), e um grande número de jovens não estuda nem trabalha, principalmente devido à exclusão social (Cavieres et al., 2020), então o empreendedorismo social surge como alternativa para a formação de jovens empreendedores de baixa renda (Vázquez, 2018).

Portanto, um aspecto importante é o apoio que o governo pode fornecer para promover o empreendedorismo. Neste sentido, alguns países como Espanha, Chile, Uruguai e Peru oferecem espaços onde se presta ajuda e informação para a criação de novos negócios (Frías, & Pérez, 2001). Por outro lado, a população latino-americana percebeu que entre os principais obstáculos para iniciar um negócio formal estão o pagamento de impostos e a regulamentação das empresas, além da burocracia subjacente à gestão para a criação de um novo negócio, que geralmente envolve em média 11,4 procedimentos e 63 dias, ao contrário da Europa que envolve 9,6 procedimentos e 36,4 dias ou da Ásia com 7,9 procedimentos e 35,3 dias, enquanto nos países que pertencem à OCDE são seguidos 6,5 procedimentos e 19,5 dias. Em contrapartida, no Brasil são necessários em média 152 dias para cumprir os requisitos de formalização de uma empresa, enquanto na Venezuela são necessários 116 dias e no Peru 102 dias (Schneider, 2008). Ressalte-se que esses procedimentos foram acelerados devido à introdução de procedimentos digitais durante a pandemia, tanto que o Brasil passou a contar com um novo modelo de atendimento às empresas, menos burocrático e mais rápido, demorando cerca de 10 dias (Heredia, & Dini, 2021). No caso do Peru, o procedimento de constituição digital de uma empresa leva cerca de 24 horas (Superintendencia Nacional de Registros Públicos [SUNARP], 2021) e em 2019, um maior número de empresas foi cadastrado por meio deste sistema devido à pandemia. Apesar disso, no Peru

apenas uma em cada quatro PME consegue formalizar os seus negócios (Tuesta, & Espinoza, 2019).

A estes números podemos acrescentar que no Peru existe uma percepção negativa em matéria fiscal por parte das PME, no que diz respeito à SUNAT e aos municípios (Tuesta, 2018), portanto, muitas pessoas preferem trabalhar informalmente, devido à falta de oportunidades de emprego ou baixos salários que são insuficientes para cobrir as despesas familiares. Desta forma, o trabalho autônomo informal é uma alternativa para geração de renda, empregos e produção, já que somente para 2020, 17,7% do PIB foi gerado pelo setor informal, o que representa 704.939 milhões de soles (Instituto Nacional de Estadística e Informática [INEI, 2021]). Os setores onde se encontra maior informalidade são agricultura, comércio e transporte público.

Agora, a formalização é importante porque as receitas fiscais e o PIB permitem ao governo criar as condições adequadas para o desenvolvimento do país. Portanto, o governo tem uma grande tarefa na redução dos tempos de formalização das empresas, deve realizar formação em matéria de fiscalidade, gestão comercial, tecnologia e financiamento para formalizar e fortalecer os negócios (Saavedra et al., 2022). Apesar deste panorama desfavorável, deve-se notar que o Peru é o segundo país com a maior taxa de criação de empresas na América Latina, depois do Equador e o quinto no mundo, de acordo com o relatório anual do Global Entrepreneur Monitor 2015/2016 (León, 2018). Sabe-se também que um elevado nível de desemprego faz com que muitas pessoas se tornem autônomas, como aponta a Corporação Andina de Desenvolvimento (2013, citado por Zamora-Boza, 2017), já que 28,7% da PEA (População Economicamente Ativa) são autônomos, 54,8% têm trabalho assalariado e 4% geram empregos.

Por outro lado, os empreendedores valorizam muito a sua independência econômica e autonomia de trabalho, que está associada à gestão do seu próprio tempo e ao sentimento de poder governar o seu destino (Sastre, 2013). Sánchez et al. (2012) apontam que existem outros tipos de motivações com relação à intenção empreendedora, como poder ou prestígio social, sucesso pessoal, satisfação pela realização de um sonho, novidades e mudanças de vida, maior independência, evitação da rotina, sentimentos de realização pessoal e finalmente segurança no emprego. Verificou-se também que a motivação para a realização

está associada à capacidade empreendedora, uma vez que pessoas com elevada motivação para a realização são mais criativas, procuram métodos mais eficazes e procedimentos mais curtos para atingir os seus objectivos e, tal como os desafios, são positivamente orientadas para o trabalho, apresentam maior capacidade de emprego. satisfação, são mais felizes e preferem o trabalho ao lazer (McClelland, 1992). Por fim, McClelland (1992) destaca que as pessoas que têm grande necessidade de realização estão mais interessadas em negócios, porque esta atividade exige ser responsável, assumir riscos, ser inovador, alcançar objetivos difíceis, alcançar resultados ótimos e ter boas relações sociais. Em todo o mundo, os jovens com maior necessidade de realização sentem-se mais atraídos pelo empreendedorismo. Da mesma forma, a motivação para a realização é uma característica comportamental que deve estar presente na personalidade de cada empreendedor porque esta condição favorece a atividade empreendedora (Sánchez et al., 2021).

Neste sentido, os estudos revelam dados contraditórios, uma vez que em algumas pesquisas a personalidade está associada ao empreendedorismo, mas em outras não (Sánchez et al., 2017). Estudo realizado com 499 estudantes peruanos de Administração de Empresas Internacionais relatou que apenas 15,23% apresentavam altos níveis de capacidade empreendedora, e que afabilidade, extroversão, autoeficácia, independência e autocontrole estão associados ao empreendedorismo (Kaneko, 2012). Consequentemente, é necessário investigar a capacidade empreendedora dos estudantes de Administração de Empresas e carreiras afins, uma vez que o empreendedorismo é um excelente preditor de criação de empresas, embora, segundo alguns estudos, apenas uma baixa percentagem de estudantes de gestão queira iniciar um negócio próprio (Gálvez e outros, 2020). Neste sentido, tem-se apontado que os fatores que podem estar associados a isto têm a ver com atitudes negativas em relação à investigação (Olivera, 2020) e ao baixo desempenho académico dos estudantes de Administração de Empresas (Ahumada-Tello et al., 2020). Alguns estudos têm relatado que estudantes de engenharia apresentam maior capacidade empreendedora do que estudantes de Administração (Arroyo et al., 2021; Loli et al., 2010), mas entende-se que o contexto social e o ambiente de formação são os fatores que favorecem ou limitam o desenvolvimento de capacidades empreendedoras; através de variáveis como o

nível de escolaridade dos pais, as experiências de empreendedorismo no seio familiar, o prestígio das universidades onde estudam e o desenvolvimento de competências para captar novas oportunidades de negócio (Araníbar, 2022; Lopes et al., 2022).

Assim, é importante ter presente que a estrutura de formação das diversas carreiras deve promover competências empreendedoras, e mais ainda, as carreiras associadas à administração de empresas, negócios internacionais ou gestão; uma vez que uma orientação e formação adequadas em matéria de empreendedorismo permitirão a geração de um maior número de empresas (Portocarrero et al., 2010) e um maior desenvolvimento organizacional (Morales, & Morales, 2018), contribuindo para o crescimento económico do país (León-Mendoza, 2019). Assim, a educação empreendedora vai além de leituras e exames, porque requer estratégias eficazes apoiadas na aprendizagem experiencial em contextos reais, como Start-up e outros programas de educação para o empreendedorismo (Sánchez et al., 2017). No Peru, por exemplo, segundo Sánchez et al. (2017) o Ministério da Educação prioriza a disposição empreendedora como uma habilidade a ser treinada em alunos do ensino médio; enquanto no nível universitário, foi relatado que a formação académica dos estudantes de ciências administrativas está forte e positivamente relacionada com as capacidades empreendedoras (Alarcón, 2022). Além disso, foi relatado que o empreendedorismo está associado à proatividade e resiliência em estudantes universitários de Lima (Holguín, & Rodríguez, 2020), bem como à inovação e criatividade para materializar seus próprios negócios (Pérez, & Solano, 2022).

Em resumo, pode-se afirmar que a educação especializada prediz a intenção empreendedora, porque o empreendedorismo pode ser adquirido; da mesma forma, reforça habilidades e competências e permite que as empresas tenham ainda mais sucesso (Vélez et al., 2020). Mas dado que o empreendedorismo nos estudantes é um fenómeno pouco investigado, é necessário focar em possíveis fatores associados ao desenvolvimento de capacidades empreendedoras (Lopes et al., 2022), como a vocação. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar as relações entre hábitos empreendedores e preferências profissionais de estudantes de Administração de Empresas da cidade de Arequipa, localizada no sul do Peru.

Preferências profissionais em estudantes de Administração de Empresas

É evidente que a procura por oportunidades de trabalho é encontrada de acordo com as atitudes e competências que cada pessoa possa ter (Vidal, & Fernández, 2009). Assim, a orientação profissional desempenha um papel importante na formação de determinadas aptidões e competências profissionais. Infelizmente, são muitos os estudantes universitários que têm dúvidas sobre a carreira que estudam, apresentando ideias inadequadas e irrealistas relativamente à carreira escolhida e às suas expectativas profissionais (Álvarez-Pérez et al., 2020). Assim, conhecer as preferências profissionais dos estudantes torna-se vital pelo seu potencial orientador na tomada de decisões sobre a carreira que escolhem estudar ou sobre os caminhos que devem seguir na sua carreira profissional.

A vocação é um processo que vai da educação básica à vida profissional (Alfaro-Barquero, & Chinchilla-Brenes, 2019). Para Oliveros e Gonzales (2012), a orientação vocacional garante que os alunos não fiquem confusos na hora de tomar decisões sobre sua vocação, o que significa descobrir interesses e preferências profissionais, vinculados às suas qualificações, condições educacionais e socioeconômicas; componentes que permitem prever o sucesso profissional através da escolha adequada da carreira. Agora, existem vários modelos teóricos que explicam a vocação, sendo o de John Holland o modelo mais difundido no Peru. Segundo a teoria deste autor, as preferências profissionais podem desenvolver-se a partir da interação entre a personalidade e os ambientes de trabalho onde as pessoas se sentem satisfeitas (Holland, 1959). Isto dá origem a seis dimensões, que determinam uma tipologia vocacional conhecida como RIASEC: Realista (R), Investigador (I), Artista (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional (C) (Holland, 1996).

A dimensão Realista refere-se à realização de atividades manuais, com uso de ferramentas ou máquinas, e tem necessidade de realizar atividades ao ar livre. A dimensão Pesquisador refere-se a gerar investigações de fenômenos físicos, culturais ou biológicos, transmitindo conhecimento. A dimensão Artista caracteriza pessoas que preferem criar formas ou produtos e manipular materiais físicos, verbais ou humanos. A dimensão Social refere-se a atividades associadas à ajuda, cuidado, orientação e formação. A dimensão Empreendedor envolve administrar, lidar com

conflitos, convencer, planejar ações e gerar lucros econômicos. Por fim, a dimensão Convencional está relacionada à classificação da informação, ao controle e à aplicação sistemática de regras (Martínez, & Valls, 2008).

Com base na sua teoria, Holland concebe um instrumento para medir as preferências profissionais, que após combinar as seis dimensões oferece diversas opções de escolha profissional (Holland, 1985). Contudo, é necessário considerar que a vocação, por estar ligada à personalidade, desenvolve-se desde as primeiras fases da vida e é enriquecida, clarificada e definida com experiências vividas, oportunidades de aprendizagem e interesses pessoais; que estão ligados ao contexto histórico-cultural de cada pessoa (Béjar, 1993). Por exemplo, Cruz e Silva (2018) relataram que os alunos que aspiram a seguir carreiras empresariais são provenientes de famílias com rendimentos elevados ou que já possuem empresa própria, e que são mais motivados por fatores externos, tendo maior peso preditivo na escolha da carreira, recompensas financeiras. No Chile, Araya-Pizarro (2021) relatou que os estudantes de administração de empresas de uma universidade pública valorizam a autonomia, o poder econômico, a inovação e não possuem perfil altruísta, pois são motivados pela ambição. No Peru, Yamada e Lavado (2017) apontam que, com base nas evidências de suas pesquisas, as carreiras empresariais são mais lucrativas quando os estudantes ingressam no mercado ocupacional e, portanto, são mais atrativas para os estudantes.

Por outro lado, um aspecto importante é o apoio escolar, uma vez que são necessárias experiências educativas e um bom aconselhamento da escola e dos pais para definir a orientação vocacional de acordo com as competências, habilidades e o projecto de vida dos alunos (Alfaro-Barquero, & Chinchilla-Brenes, 2019; Sánchez-Martín, 2019; Super, 1965). No estudo de Fracica e García (2021), no qual são analisadas qualitativamente as preferências profissionais dos estudantes de administração colombianos, constatou-se que 98% desejam trabalhar em uma empresa já estabelecida e que manifestam baixa proatividade e baixa autoeficácia, concluindo que são poucos os estudantes que possuem um perfil adequado para a carreira e é necessário fortalecer a formação em empreendedorismo. Também foi relatado que as preferências de trabalho dos estudantes chilenos de Administração de Empresas estão ligadas ao trabalho como empresários ou trabalhadores independentes, mas não como empregados dependentes (Araya-Pizarro, 2021).

No Peru, e mais especificamente na cidade de Arequipa, onde está localizado o presente estudo, Arias realizou diversas investigações sobre preferências profissionais (Arias et al., 2016; Arias et al., 2019; Callata et al., 2017; Checya, & Arias, 2019). Em pesquisa que envolveu a avaliação da identidade profissional e das preferências profissionais de estudantes de Administração de uma universidade privada da cidade, constatou-se que apenas 27,4% da amostra de 117 estudantes dos dois últimos semestres de graduação tinham preferências profissionais voltadas para carreira em administração, 15,4% não tinham perfil definido e 57,2% obtiveram perfil vocacional para outras carreiras profissionais (Callata et al., 2017). Em outra investigação com 422 estudantes da carreira de engenharia da mesma universidade, constatou-se que 18,22% dos estudantes de Engenharia Industrial tinham preferências pela carreira de Administração de Empresas e 24,17% tinham perfil vocacional indefinido (Arias et al., 2019).

Por outro lado, diversos estudos têm associado a vocação dos estudantes de Administração à capacidade empreendedora; mas este tema não foi investigado em nossa cidade, e relatórios anteriores fornecem conclusões contraditórias, pois em alguns estudos a associação entre ambas as variáveis não é confirmada (Ahumada-Tello et al., 2020; Loli et al., 2010) e em outros eles o fazem (Araya-Pizarro, 2021; Cruz, & Silva, 2018; Portocarrero et al., 2010). Nesse sentido, com o objetivo de aprofundar esse problema e suprir algumas limitações de pesquisas anteriores, a amostra foi ampliada e o objetivo é analisar as relações entre preferências profissionais e empreendedorismo de estudantes do curso de Administração de Empresas de três universidades de a cidade de Arequipa.

Método

PROJETO DE PESQUISA

Este trabalho de pesquisa é de natureza quantitativa, em nível descritivo-correlacional (Hernández et al., 2010).

AMOSTRA

A amostra foi composta por 217 estudantes dos últimos anos da carreira de Administração de Empresas de três universidades da cidade de Arequipa: a Univer-

sidad Nacional de San Agustín (UNSA, 34%), a Universidad Católica de Santa María (UCSM, 36,5%) e a Universidad Nacional de San Agustín (UNSA, 34%) e Universidade Católica San Pablo (UCSP, 29,5%). Contudo, dado que alguns instrumentos de avaliação foram preenchidos de forma inadequada, a amostra foi reduzida para 203 alunos dos dois últimos semestres da carreira de Administração. 59,1% eram mulheres e 38,9% eram homens, enquanto 2% não preencheram esta informação. A média de idade foi de 22,81 com desvio padrão de $\pm 2,52$ na faixa de 18 a 35 anos. A amostra foi selecionada utilizando a técnica de amostragem por cotas (Hernández et al., 2010).

MEDIDAS

O instrumento utilizado para medir o empreendedorismo foi a Escala de Hábitos Empreendedores, elaborada e validada por Flores (2001, citado por Portocarrero, 2010). O instrumento é composto por 20 itens, que são agrupados em cinco subescalas: Autoconhecimento e autoeficácia, Visão de futuro, Motivação para realização, Planejamento e Persuasão. Cada item contém dois tipos de respostas (SIM ou NÃO), que recebem notas 1 e 0. A validade do instrumento foi testada por meio de análise fatorial exploratória e foi determinada uma estrutura interna unidimensional em uma amostra de 453 pessoas da cidade de Arequipa. Quanto à confiabilidade da escala, obteve-se um índice de 0,790 com o teste alfa de Cronbach (Jiménez et al., em revisão).

Também foi aplicado o Inventário de Preferências Profissionais de José Luis Pereira (1992), que se baseia na teoria de Holland (1985) e permite avaliar o interesse vocacional dos alunos. A prova é constituída por 60 opções de respostas, que consistem em locais de trabalho com as respectivas descrições, ordenadas em seis categorias (dez para cada uma das tipologias do modelo RIASEC) que devem ser pontuadas de três formas e exclusivamente. Os vinte locais de trabalho mais preferidos estão marcados com o sinal de mais, os vinte locais de trabalho menos interessantes estão marcados com o sinal de menos e os vinte restantes estão marcados com um triângulo. A qualificação do teste é feita somando as opções de cada tipo e multiplicando o valor de cada opção por um determinado número: os favoritos são multiplicados por 3, os indiferentes por 2 e os negativos por 1. Os três maiores valores de as seis tipologias obtidas após esse procedimento

compõem uma combinação que reflete preferências profissionais em perfis pré-estabelecidos pelo autor.

PROCEDIMENTOS

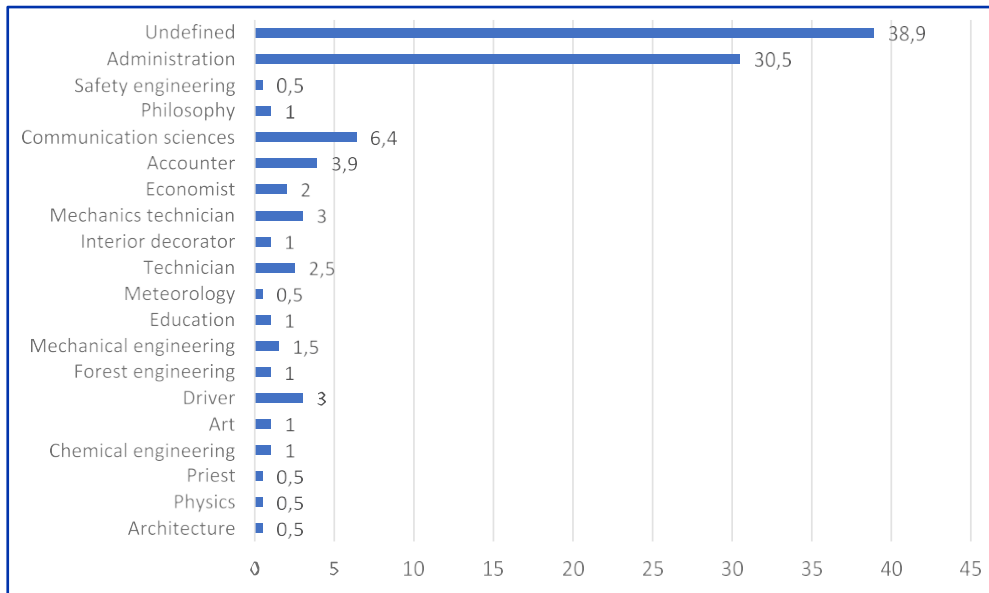
Primeiro, foram obtidas as permissões correspondentes de cada uma das três universidades para poder coletar os dados. Para aplicar os instrumentos, eles compareceram fisicamente às universidades e solicitaram autorização aos professores que lecionaram nos dois últimos semestres. As provas foram aplicadas coletivamente e as dúvidas dos alunos foram resolvidas quando existiam. Além disso, todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e participaram voluntariamente após lhes terem sido explicados os objetivos da pesquisa. Por fim, após a coleta dos dados, os mesmos foram processados estatisticamente por meio do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS 24.0), dependendo do nível de mensuração das variáveis e da normalidade dos dados.

Results

ANÁLISE DESCRIPTIVA

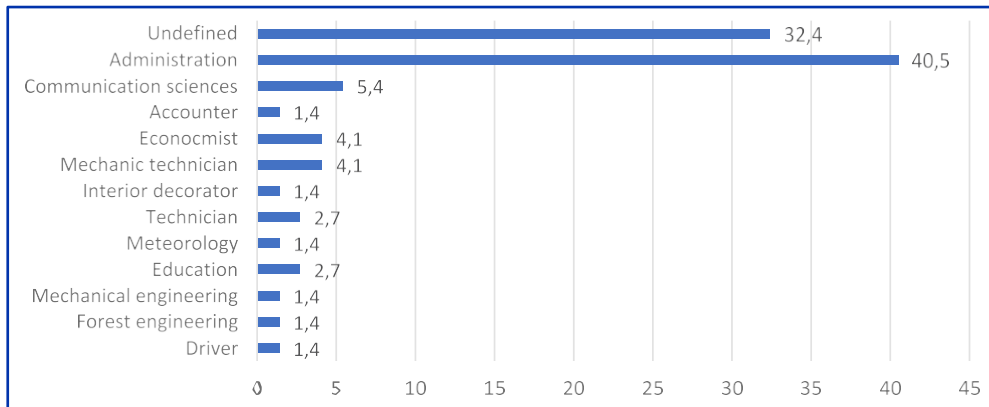
Em relação à variável hábitos empreendedores, a média obtida foi de 36,8 com desvio padrão de 3,25 dentro de uma faixa de 20 a 40, o que sugere que os hábitos empreendedores estão mais próximos da pontuação mais alta do que da mais baixa dentro de um nível médio. Da mesma forma, 18,42% iniciaram um negócio e 81,58% nunca criaram um negócio, sendo o tempo médio de criação de um negócio de 5,37 anos com um desvio padrão de $\pm 0,765$. A assimetria e a curtose foram -1,02 e 2,14, respectivamente, sugerindo que os dados tendem a ter uma distribuição não normal.

Figura 1. Preferências Profissionais



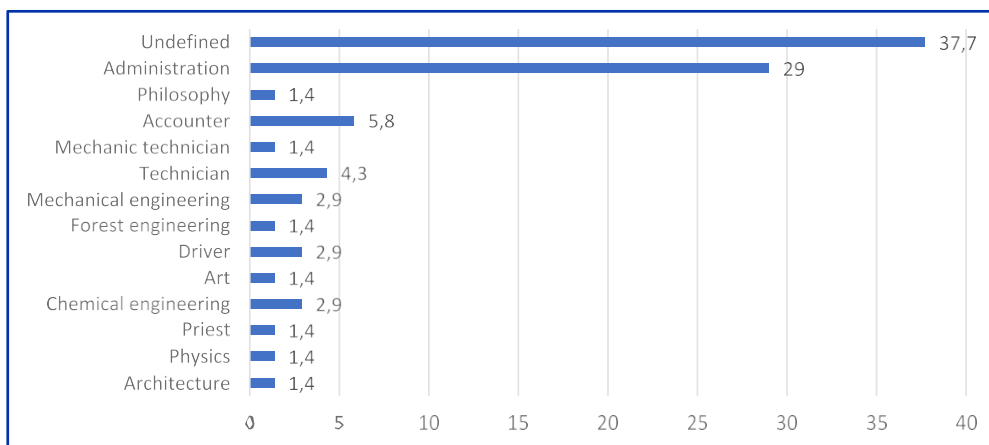
Relativamente às preferências profissionais, na Figura 1 verifica-se que 38,9% dos alunos têm uma orientação profissional indefinida, seguido de 30,5% dos alunos que têm uma clara preferência profissional pela carreira de Administração de Empresas, enquanto 6,4% estão orientados para as Ciências da Comunicação, 3,9% para Contabilidade, 2% para Economia e 2,5% para uma profissão técnica. Outras preferências profissionais obtidas, mas com menor frequência, foram Engenharia, Decoração de Interiores e Arquitetura.

Figura 2. Preferências profissionais em alunos da UCSM



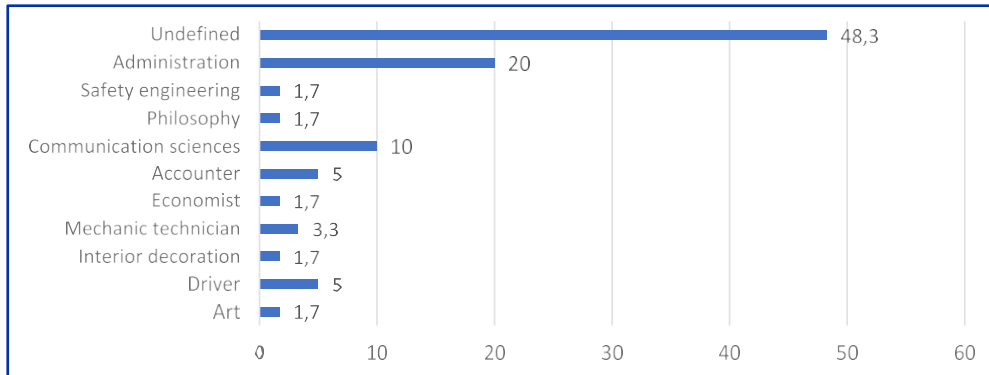
Em relação às preferências profissionais por universidade, os alunos da UCSM apresentam maior desejo pela carreira (40,5%) em comparação com a UNSA (29%) e a UCSP (20%). Outras preferências profissionais que apresentam uma elevada porcentagem de estudantes da UCSM são Ciências da Comunicação (5,4%), Economia (4,1%), Técnico em Mecânica (4,1%) e Educação (2,7%); embora 32,4% dos alunos não tivessem um perfil profissional definido (ver Figura 2).

Figura 3. Preferências profissionais em alunos da UNSA



Quanto aos alunos da UNSA, além de 29% terem vocação para a carreira, a carreira de Contabilidade atinge 5,8%, a carreira de Ciências da Comunicação 4,3%, a de Engenharia Química, Engenharia Mecânica e Motorista 2,9%, preferências por Arquitectura, Física, Padre, Artes, Engenharia Florestal, Técnico Mecânico e Filosofia 1,4%; enquanto 37,7% têm perfil profissional indefinido (ver Figura 3).

Figura 4. Preferências profissionais em alunos da UCSP



No que diz respeito aos alunos da UCSP, estes têm preferências profissionais pela carreira de Administração de Empresas em 20%, a percentagem de alunos com perfil profissional indefinido é de 48,3%), enquanto para Ciências da Comunicação é de 10%, para Contabilidade é de 5%, para Técnico mecânico 3,3%, e finalmente com 1,7% há preferências pelas carreiras de Arte, Decoração de Interiores, Economia, Filosofia e Engenharia de Segurança Industrial (ver Figura 4).

Tabela 1. Estatísticas descritivas

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Distorção	Curtose
Hábitos de empreendedor	20	40	36,08	3,258	-1,027	2,144
Realismo	11	30	19,47	3,747	0,103	-0,193
Pesquisa	10	28	17,91	3,102	0,134	0,221

Arte	10	29	19,98	3,972	-0,162	-0,376
Social	12	28	19,24	3,160	0,115	-0,258
Empreendedorismo	10	29	22,67	3,208	-0,674	0,966
Convencionalismo	10	30	21,33	4,089	-0,438	-0,011

Por outro lado, na Tabela 1, é possível observar os valores que descrevem as médias dos seis tipos de preferências profissionais segundo Holland. A preferência profissional com maior média foi Empreendedorismo (22,67), seguida de Convencionalismo (21,33), Arte (19,98), Realismo (19,47), Social (19,24) e Pesquisa (17,91).

TESTES DE NORMALIDADE

Agora, com o objetivo de avaliar a normalidade dos dados para determinar o tipo de testes estatísticos para processar a informação, foram aplicados tanto o teste de Kolmogorov-Smirnov quanto o teste de Shapiro-Wilk, constatando que em todas as variáveis contínuas, ou seja, a média dos hábitos empreendedores e das médias das seis dimensões das preferências profissionais, os valores foram significativos, sugerindo que os dados têm distribuição não normal. Desta forma, optou-se pela aplicação de testes estatísticos não paramétricos (ver Tabela 2).

Tabela 2. Testes de normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatístico	Fd	Sig.	Estatístico	Fd	Sig.
Hábitos de empreendedor	0,112	202	,000	,915	202	,000
Realismo	0,080	202	,003	,986	202	,051
Pesquisa	0,091	202	,000	,987	202	,057
Arte	0,081	202	,002	,987	202	,070
Social	0,078	202	,005	,987	202	,065
Empreendedorismo	0,131	202	,000	,963	202	,000
Convencionalismo	0,090	202	,000	,978	202	,003

a. Correção de significância de Lilliefors.

COMPARAÇÕES

Para avaliar se existem diferenças nos hábitos empreendedores e nas preferências profissionais de acordo com o sexo, foi aplicado o teste U de Mann Whitney, verificando-se que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres, o que sugere que os hábitos empreendedores não estão associados ao sexo dos estudantes. No entanto, as preferências profissionais registam diferenças significativas nas dimensões Realismo e Social, a favor dos homens no primeiro caso e das mulheres no segundo. Isto sugere que enquanto os homens preferem carreiras que envolvam a utilização de instrumentos e sentido prático, as mulheres preferem carreiras sociais nas quais comunicam e interagem com outras pessoas (ver Tabela 3).

Tabela 3. Comparações de hábitos empreendedores de acordo com o sexo

	Sexo	Médias	U	p
Hábitos de empreendedor	Fêmea	36.10	-0.261	.797
	Macho	36.22		
Realismo	Fêmea	18.40	-5.167	.000
	Macho	21.06		
Pesquisa	Fêmea	17.59	-1.685	.093
	Macho	18.35		
Arte	Fêmea	20.22	1.132	.260
	Macho	19.56		
Social	Fêmea	19.78	2.963	.003
	Macho	18.44		
Empreendedorismo	Fêmea	22.58	-0.648	.518
	Macho	22.88		
Convencionalismo	Fêmea	21.78	1.963	.051
	Macho	20.68		

Em segundo lugar, foram comparadas as pontuações dos hábitos empreendedores e das preferências profissionais consoante os alunos tivessem ou não um negócio, para o qual também foi aplicado o teste U de Mann Whitney. Os resultados sugerem que só existem diferenças significativas nos hábitos empreendedores entre aqueles que têm um negócio, de modo que aqueles que têm um

negócio obtêm pontuações mais elevadas do que aqueles que não iniciaram um negócio (ver Tabela 4).

Tabela 4. Comparações de hábitos empreendedores de acordo com o negócio atual

	Negócio atual	Médias	U	p
Hábitos de empreendedor	Yes	37.23	2.366	.011
	No	35.78		
Realismo	Yes	19.86	0.580	.563
	No	19.41		
Pesquisa	Yes	17.52	-0.689	.492
	No	17.95		
Arte	Yes	18.86	-1.675	.096
	No	20.23		
Social	Yes	19.38	0.419	.676
	No	19.11		
Empreendedorismo	Yes	23.28	0.785	.433
	No	22.76		
Convencionalismo	Yes	20.93	-0.268	.789
	No	21.16		

A Tabela 5 apresenta comparações de hábitos empreendedores e preferências profissionais com base na rentabilidade dos negócios dos alunos, constatando que os alunos que têm negócios mais rentáveis são aqueles que têm mais hábitos empreendedores, em comparação com os alunos cujos negócios não são rentáveis, uma vez que os valores calculados com o teste U de Mann Whitney foi significativo.

Tabela 5. Comparações de hábitos empreendedores de acordo com a rentabilidade do negócio

	Rentabilidade	Médias	U	p
Hábitos de empreendedor	Si	37.19	2.947	.004
	Não			
Realismo	Si	19.97	1.049	.298
	Não	19.03		

Pesquisa	Si	17.57	-0.066	.947
	Não	17.62		
Arte	Si	19.17	-1.836	.071
	Não	20.86		
Social	Si	19.34	0.638	.526
	Não	18.89		
Empreendedorismo	Si	23.40	1.034	.305
	Não	22.76		
Convencionalismo	Si	20.74	-0.856	.395
	Não	21.62		

CORRELAÇÕES

Quanto ao grau de relacionamento entre as variáveis quantitativas, ou seja, aquelas que possuem nível de medida escalar ou intervalar, foi calculado através do teste Rho de Spearman, visto que possuem distribuição não normal.

Tabela 6. Correlações

1. Hábitos de empreendedor	2. Idade	3. Número de negócios	4. Tempo dos negócios	5. Realismo	6. Pesquisa	7. Arte	8. Social	9. Empreendedorismo	10. Convencionalismo	
1	1	.144*	.103	.129	.163*	-.075	-.193**	.030	-.078	.038
2		1	.279**	.162	.140	-.021	-.112	-.143*	.119	-.159*
3			1	.139	.065	-.063	-.026	.032	.050	-.074
4				1	.246	.011	-.209	-.100	.091	-.056
5					1	.256**	-.326**	-.242**	-.147*	-.197**
6						1	-.049	-.149*	-.355**	-.234**
7							1	-.014	.106	-.338**
8								1	-.028	.053
9									1	-.058
10										1

* A correlação é significativa no nível 0,05 (dois lados).

** A correlação é significativa no nível 0,001 (dois lados).

Na Tabela 6 verifica-se que os hábitos empreendedores têm uma relação positiva e baixa com a dimensão Arte das preferências profissionais, mas significativa, e uma relação negativa e baixa com a dimensão Arte das preferências profissionais, o que sugere que os estudantes que estão Os mais velhos e que gostam de manipular ferramentas e têm raciocínio concreto são os que têm hábitos mais empreendedores, enquanto os que têm interesse pela arte têm menos capacidade empreendedora. A idade correlacionou-se positiva, moderada e significativamente com o número de negócios e de forma baixa e negativa com a dimensão Convencionalismo. Além disso, a dimensão realismo correlaciona-se positiva e significativamente com a dimensão Investigação, mas negativamente com as dimensões Arte, Social, Empreendedorismo e Convencionalismo; enquanto a dimensão Investigação também se correlaciona negativa e significativamente com as dimensões Social, Empreendedorismo e Convencionalismo do teste de preferências profissionais. Por fim, a dimensão Arte está negativamente, moderada e significativamente correlacionada com a dimensão Convencionalismo.

Discussão

A orientação profissional compreende e articula três aspectos essenciais da vida de cada pessoa. O seu projeto pessoal (que visa o desenvolvimento da pessoa), o seu projeto profissional (focado no desenvolvimento de um trabalho sustentável e digno) e o seu projeto social (que enfatiza o sentimento de pertença associado à sua comunidade); que determinam, no seu conjunto, o sucesso da adaptação de uma pessoa ao exercício da sua profissão (Oliveros, & Gonzáles, 2012). Diante disso, as capacidades empreendedoras desempenham um papel gerencial em qualquer profissão (Sánchez et al., 2017), mas acabam sendo mais essenciais em profissões relacionadas à administração de empresas, contabilidade e finanças (Callata et al., 2017).

Assim, no presente estudo nos propusemos a analisar a relação entre preferências profissionais e hábitos empreendedores de estudantes dos últimos semestres da carreira de Administração de Empresas de três universidades da cidade de Arequipa. A análise descritiva indica que 18,42% iniciaram uma empresa e que

30,5% dos alunos têm uma clara preferência profissional pela carreira de Administração de Empresas, mas 38,9% dos alunos têm uma orientação profissional indefinida; Os alunos da UCSM apresentam com maior frequência preferências profissionais para a carreira (40,5%), seguidos pelos alunos de Administração de Empresas da UNSA (29%) e da UCSP (20%). Esses resultados estão alinhados com relatos de outras pesquisas que indicam que um baixo percentual de estudantes de administração tem preferências profissionais para sua carreira (Ahumada-Tello et al., 2020; Callata et al., 2017; Cruz & Silva, 2018). Da mesma forma, a pontuação de hábitos empreendedores coloca os alunos num nível moderado no que diz respeito à sua capacidade empreendedora, o que confirma os estudos em que se constata que os alunos da carreira empresarial apresentam competências para o empreendedorismo (Araya-Pizarro, 2021; Cruz, & Silva, 2018; Portocarrero et al., 2010); mas dado que apenas uma pequena percentagem iniciou um negócio, pode-se apontar, como em outras pesquisas, que poucos estudantes de Administração estão interessados em criar a sua própria empresa (Gálvez et al., 2020; Kaneko, 2012; Loli et al., 2010).

A nível comparativo, constatou-se que, em primeiro lugar, não existem diferenças nos hábitos empreendedores em função do sexo; ou seja, tanto homens como mulheres apresentam níveis semelhantes de capacidade empreendedora (Araya-Pizarro, 2021; Fracica, & García, 2021). Mas, por outro lado, e em segundo lugar, em termos de preferências profissionais, os homens obtiveram pontuações mais elevadas na dimensão Realismo e as mulheres na dimensão Social, o que sugere que os primeiros têm maior interesse em profissões que envolvam a prática da motricidade e da uso de ferramentas, enquanto estes últimos têm preferências por carreiras em que predominam as interações sociais (Arias et al., 2016; Callata et al., 2017).

Da mesma forma, constatou-se que o empreendedorismo está significativamente associado ao facto dos alunos avaliados terem um negócio atual e à sua rentabilidade. Isto significa que os alunos com hábitos mais empreendedores, com maior nível de empreendedorismo, têm maior probabilidade de ter o seu próprio negócio, e ainda mais probabilidade de o ter rentável, conforme relatado por alguns autores (Holguín, & Rodríguez, 2020; Pérez, & Solano, 2022; Sánchez et al., 2017). Esta constatação é consistente com a teoria do empreendedorismo, que indica que as pessoas que são empreendedoras desenvolvem o seu próprio negócio e dele

obtêm o seu sustento, aproveitando as oportunidades que o ambiente e as circunstâncias lhes oferecem e utilizando estrategicamente os seus recursos. recursos e seus talentos (Alarcón, 2022; Arroyo-López et al., 2020; Lopes et al., 2022).

Contudo, ainda é preocupante que 38,9% dos alunos avaliados não tenham um perfil profissional definido mesmo estando nos dois últimos semestres da carreira de Administração; enquanto 30,5% possuem perfil vocacional voltado para carreira em administração. Este resultado é consistente com o que foi relatado em estudo anterior de Callata et al. (2017), onde se constatou que apenas 27% dos estudantes de Administração de Empresas de uma universidade de Arequipa tinham preferências profissionais para esta carreira e que até 57,3% tinham preferências profissionais para outras carreiras. Nesse sentido, no presente estudo, entre os cursos que aparecem como as preferências profissionais mais predominantes dos estudantes de Administração das três universidades de Arequipa, estão Ciências da Comunicação, Contabilidade, Mecânica e Economia com pontuação acumulada de 15,3%. E embora Economia e Contabilidade sejam cursos relacionados às ciências da Administração, da Mecânica e da Comunicação, estão ainda mais afastados dos propósitos e processos envolvidos nesta profissão. A isto devemos acrescentar que entre as carreiras que ocupam menor peso percentual estão: Filosofia, Decoração de Interiores, Educação, Arte, Engenharia Química, Arquitetura, Sacerdócio e até Motorista de Automóveis, que atingem uma percentagem acumulada de cerca de 15%.

Isto é interessante porque se trata de alunos finalistas, que estão próximos da conclusão do bacharelado e que, no entanto, não apresentam um perfil profissional definido na área de administração, o que pode ser devido ao fato de muitos dos alunos de Administração em Peru, esperam assumir os negócios das suas famílias, como foi relatado numa análise de empregabilidade a nível nacional, ou porque apenas se baseiam nas recompensas económicas que o sector comercial e empresarial representa no país (Yamada, & Lavado, 2017). Ressalta-se que em outro estudo anterior de Arias et al. (2019), foi encontrada uma sobreposição entre as carreiras de Administração e Engenharia Industrial, o que sugere que nestas profissões os processos de formação são muito semelhantes. Porém, na melhor das hipóteses, os estudantes de Administração avaliados poderiam apresentar combinações de interesses que os orientassem a iniciar negócios na área de telecomunicações ou engenharia.

Por fim, algumas limitações do estudo têm a ver com o formato do autor-relato, que pode estar sujeito a falsificações de informações ou vieses de desajustabilidade social, mas os resultados obtidos sugerem que este fator não interferiu neste estudo. Por outro lado, embora a amostra seja representativa da cidade, já que os alunos avaliados provêm de três das universidades mais importantes de Arequipa, atualmente, outras universidades como a Universidade La Salle, a Universidade Continental e a Universidade Tecnológica do Peru, que têm um número considerável de estudantes que precisariam ser recrutados para futuros estudos sobre empreendedorismo. Apesar dessas limitações, pode-se concluir que os hábitos empreendedores dos três cursos de Administração de Empresas da cidade são moderados, embora apenas 18,42% tenham iniciado um negócio. Da mesma forma, apenas 30,5% da amostra tem preferências profissionais para a sua carreira, e os hábitos empreendedores estão associados à intenção de iniciar um negócio e à sua rentabilidade; enquanto apenas a dimensão Realismo foi correlacionada positivamente com o empreendedorismo e a dimensão Artística negativamente, mas em ambas com uma magnitude baixa e significância estatística moderada.

Referências

- Ahumada-Tello, E., Ravina-Ripóll, R., & Gálvez-Albarracín, E. J. (2020). Social networks and academic performance self-perception in business sciences students. *Cuadernos de Administración*, 36(66), 105-117. <https://doi.org/10.251000/cdea.v36i66.7761>
- Alarcón, J. L. (2022). Formación académica y capacidad de emprendimiento empresarial de estudiantes en una Facultad de Ciencias Administrativas. *Gestión en el Tercer Milenio*, 25(50), 45-54. <https://doi.org/10.153981/gtm.v25i50.24278>
- Alfaro-Barquero, A., & Chinchilla-Brenes, S. (2019). Diseño de un instrumento de preferencias vocacionales en Administración, Materiales y Biotecnología. *Revista Costarricense de Psicología*, 38(2), 99-124. <http://dx.doi.org/10.22544/rcps.v38i02.01>
- Álvarez-Pérez, P. R., López-Aguilar, D., & Garcés-Delgado, Y. (2020). Preferencias vocacionales, transición y adaptación a la enseñanza universitaria: un análisis desde la perspectiva del alumnado de bachillerato. *Revista de Pedagogía*, 72(4). <https://doi.org/10.13042/Bordon.2020.80131>
- Aranibar, E. R. (2022). Emprendimiento: Factores facilitadores y limitantes para su desarrollo en las organizaciones. *Gestión en el Tercer Milenio*, 25(50), 169-175. <https://doi.org/10.153981/gtm.v25i50.24292>
- Araya-Pizarro, S. (2021). Intención emprendedora y preferencias laborales de estudiantes de negocios de Chile. *Desarrollo e Innovación*, 11(3), 519-532. <https://doi.org/10.19053/20278306.v11.n3.2021.13349>

- Arias, W. L. (2013). Crisis de la universidad en el Perú: Un problema de su naturaleza e identidad. *Educación*, 19, 23-39.
- Arias, W., & Ceballos, K. (2015). Análisis psicométrico del cuestionario de inteligencia emocional aplicado en adultos que trabajan en instituciones públicas y privadas de Arequipa. *Véritas*, 16(1), 3-7. <https://revistas.ucsm.edu.pe/ojs/index.php/veritas/article/view/87>
- Arias, W. L., Ceballos, K. D., Isasa, P. M., & Tapia H. (2016). Identidad profesional y preferencias profesionales en estudiantes de Educación de una universidad privada en Arequipa. *Educations Momentum*, 2(1), 51-92.
- Arias, W. L., Franco, E. D., & Ceballos, K. D. (2019). Preferencias profesionales e identidad profesional en los estudiantes de ingenierías de una universidad privada de Arequipa. *Propósitos y Representaciones*, 7(2), 160-195. <http://dx.doi.org/10.20511/pyr2019.v7n2.309>
- Arias, W. L., & Jiménez, N. A. (2014). Relaciones humanas en Mypes de Arequipa. *Contabilidad & Negocios*, 8(16), 48-60.
- Arroyo-López, P. E., Cárcamo-Solís, M. L., Cuevas-Vargas, H., & Estrada-Rodríguez, S. (2021). A framework explaining the entrepreneurial intentions of engineering students in public universities. *Cuadernos de Administración*, 37(71), 1-14. <https://doi.org/10.25100/cdea.v37i71.10736>
- Béjar, G. (1993). La elección de carrera y la configuración de Holland. *Educación y Ciencia*, 2(8), 21-25. <http://educacionyciencia.org/index.php/educacionyciencia/article/view/64>
- Callata, M., Morales, A., & Arias, W. L. (2017). Identidad profesional y preferencias profesionales en estudiantes de la escuela profesional de administración de negocios de una universidad privada de Arequipa. *Revista de Investigación en Psicología*, 20(1), 147-176.
- Cavieres, H., Ponce, C., & Gómez, J. (2020). Más allá de los ninis: Relación entre juventud, exclusión social y trabajo en el Chile actual. *Chakiñan. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, 10, 60-72. <https://doi.org/10.37135/chk.002.10.04>
- Checyra, R., & Arias, W. (2019). Preferencias profesionales y rendimiento académico en estudiantes de matemáticas de la universidad nacional de San Agustín de Arequipa (Perú). *Educación*, 24(2), 131-140. <https://doi.org/10.33539/educacion.2018.v24n2.1326>
- Cruz, E., & Silva, B. N. (2018). Motivación y personalidad en la elección de carrera: Turismo y negocios internacionales. *Acta de Investigación Psicológica*, 8(2), 32-41. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2018.2.03>
- Duarte, T., & Ruíz, M. (2009). Emprendimiento una opción para el desarrollo. *Scientia et Technica*, 15(43), 326-331.
- Fracica, G., & García, M. L. E. (2021). Preferencias laborales de los futuros administradores: Un enfoque cualitativo. *Revista de Estudios en Contaduría, Administración e Informática*, 10(27). <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=637968303003>
- Frías, J., & Pérez, V. (2001). La evaluación del perfil profesional como un factor clave para el éxito de la actividad emprendedora. *Revista de Estudios de Juventud*, 51, 37-45.
- Gálvez, E., Guauña, R. A., & Ravina, R. (2020). Actitud e intención emprendedora en estudiantes de administración de empresas y de contaduría pública. *Universidad & Empresa*, 22(38), 79-105. <http://dx.doi.org/10.12804./revistas.urosario.edu.co/empresa/a.7230>

- Guzmán Vásquez, A., & Trujillo Dávila, M. A. (2008). Emprendimiento social-Revisión de la literatura. *Estudios Gerenciales*, 24(109). http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0123-59232008000400005
- Heredia, A., & Dini, M. (2021). *Análisis de las políticas de apoyo a las pymes para enfrentar la pandemia de COVID-19* (Documentos de proyectos). Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL).
- Hernández, R., Fernández, C., & Baptista, P. (2010). *Metodología de la investigación*. McGraw-Hill.
- Holguín, J. A., & Rodríguez, M. F. (2020). Proactividad y resiliencia en estudiantes emprendedores de Lima. *Propósitos y Representaciones*, 8(2). <http://dx.doi.org/10.20511/pyr2020.v8n2.367>
- Holland, J. L. (1959). A theory of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 6, 35-45.
- Holland, J. L. (1985). *Making vocational choices: a theory of vocational personalities and work environments*. Prentice Hall.
- Holland, J. L. (1996). Exploring careers with a typology: What we have learned and some new directions. *American Psychologist*, 51, 397-406.
- Instituto Nacional de Estadística e Informática. (INEI, 2021). Producción y empleo en el Perú. Cuenta Satélite de la Economía Informal 2007-2020. https://www.inei.gob.pe/media/MenuRecursivo/publicaciones_digitales/Est/Lib1828/libro.pdf
- Jiménez, N. A., Arias, W. L., Velásquez, D., Rivera, R., Acosta, A., Pastor, C., & Delgado, F. (en revisión). *Análisis psicométrico de la Escala de Hábitos Emprendedores en la ciudad de Arequipa*.
- Kaneko, J. J. (2012). Emprendimiento, personalidad y variables sociodemográficas en estudiantes de Administración de un instituto de educación superior. *PsiqueMag*, 1(1), 83-105.
- León, S. (2023). Educación para el emprendimiento en las universidades y su aplicación en Bogotá y municipios aledaños. *Apuntes de Economía & Sociedad*, 14(1), 17-34. <https://doi.org/10.5377/aes.v4i1.16156>
- León, J. (2018). Emprendimiento de negocios propios en el Perú: el rol de los factores sociodemográficos personales a nivel de departamentos. *Estudios Gerenciales. Journal of Management and Economics*, 34(146), 19-33.
- León-Mendoza, J. C. (2019). Emprendimiento empresarial y crecimiento económico en Perú. *Estudios Gerenciales Journal of Management and Economics*, 35(153), 429-439.
- Loli, A., Dextre, E., Del Carpio, J., & La Jara, E. (2010). Actitudes de creatividad y emprendimiento en estudiantes de la Universidad nacional de Ingeniería y su relación con algunas variables sociodemográficas. *Revista de Investigación en Psicología*, 13(2), 139-151. <https://doi.org/10.15381/rinvp.v13i2.3722>
- Lopes, A. K., Marcondes, S., & Fischer, G. H. (2022). The role of university environment in promoting entrepreneurial behavior: evidence from heterogeneous regions in Brazil. *Innovation & Management Review*, 19(1), 39-61. <https://doi.org/10.1108/INMR-08-2020-0112>
- Martínez, J. M., & Valls, F. (2008). Aplicación de la teoría de Holland a la clasificación de ocupaciones (ICO). *Revista Mexicana de Psicología*, 25(1), 151-164.
- McClelland, D. (1992). *Estudios de la motivación humana*. Narcea.
- Morales, S., & Morales, O. (2018). Comunidades profesionales de aprendizaje: de la gestión a la gestión educativa. *Revista Peruana de Investigación Educativa*, 10, 99-125.

- Moriano León, J. A., Trejo, E., & Palací Descals, F. J., & Trejo, E. (2001). El perfil psicosocial del emprendedor: un estudio desde la perspectiva de los valores. *Revista de Psicología Social*, 16(2), 229-243.
- Olivera, E. S. (2020). Actitudes hacia la investigación de bachilleres en Administración y Psicología de una universidad peruana. *Chakiñan. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, 11, 70-81. <https://doi.org/10.37135/chk.002.11.05>
- Oliveros, O., & Gonzáles, J. R. (2012). Hacia un paradigma en orientación vocacional. *Paradigma*, 33(2), 127-141.
- Pereira, J. L. (1992). *Perfil de preferencias profesionales*. UNSA.
- Pérez, E. E., & Solano, M. S. (2022). Innovación y creatividad, su relación con la materialización de ideas de negocios. *Gestión en el Tercer Milenio*, 25(50), 37-44. <https://doi.org/10.153981/gtm.v25i50.24277>
- Portocarrero, C., Mayorga E., & García M., (2010). Capacidad emprendedora y coeficiente empresarial en estudiantes de administración y de psicología de la universidad nacional Federico Villarreal. *Revista de investigaciones Psicológicas*, 1(1), 62-69. <https://issuu.com/psicologiaunfv/docs/revista1/62>
- Saavedra, R. E., Martín, G., & Osorio, G. (2022). Resiliencia del emprendimiento en México. Los casos de las crisis económicas del Covid-19 y subprime. *Estudios Gerenciales Journal of Management and Economics for Iberoamérica*, 38(165), 507-518. https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/estudios_gerenciales/article/view/5338/4563
- Sánchez, J. C., Aldana, R., De Dios, S., & Yurrebaso, A. (2012). La motivación y la intención emprendedora. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 521-531. https://dehesa.unex.es/bitstream/10662/33611/0/214-9877_2012_1_4_521.pdf
- Sánchez, J. C., Ward, A., Hernández, B., & Lizette, J. (2017). Educación emprendedora. *Propósitos y Representaciones*, 5(2). <http://dx.doi.org/10.20511/pyr2017.v5n2.190>
- Sánchez-Martín, M. (2019). Influencias socio-familiares en la elección de los estudios de formación profesional. *Revista Latinoamericana de Estudios de Familia*, 12(1), 44-62. <https://doi.org/10.17151/rlf.2020.12.1.4>
- Sánchez, Y., Macías, M. Á., & Mendoza, J. E. (2021). Diferencia en los determinantes de éxito en el emprendimiento en México, una perspectiva de género. *Revista Venezolana de Gerencia*, 26(94), 880-902.
- Sastre, R. (2013). La motivación emprendedora y los factores que contribuyen con el éxito del emprendimiento. *Ciencias Administrativas*, 1, 1-10. <https://www.redalyc.org/pdf/5116/511651377005.pdf>
- Saavedra, M. L. (2020). El desempleo juvenil en Latinoamérica y el emprendimiento de estudiantes universitarios. *Tendencias. Revista de la Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas*, 21(2), 283-305.
- Schneider, B. (2008). *Resiliencia. Cómo construir empresas en contextos de inestabilidad*. Norma.
- Solana Magalí, S., & Alicia, O. (2018). Comportamientos proactivos en el trabajo: adaptación y análisis psicométrico de una escala. *Actualidades en Psicología*, 32(124), 33-50. <https://doi.org/10.15517/ap.v32i124.30642>
- Soria-Barreto, K., Ruela Galvis, J. F., & Ruiz Escoria, R. R. (2021). Factores determinantes del emprendimiento en Chile y Colombia. *Revista Venezolana de Gerencia*, 26(5), 459-477. <https://doi.org/10.52080/rvgluz.26.e5.30>
- Super, D. E. (1964). *Psicología de los intereses y las vocaciones*. Kapelusz.

Superintendencia Nacional de los Registros Públicos (SUNARP). (2021). *La SACS: A un solo click de formalizar tu emprendimiento*. <https://scr.sunarp.gob.pe/startups/joven-emprendedor-sunarp-y-las-startups-2021-1/>

Tuesta, E. (2018). La reforma tributaria-laboral y su influencia en la formalización de más micro y pequeñas empresas peruanas. *SCIÉENDO Ciencia para el Desarrollo*, 21(4), 477-484. <http://dx.doi.org/10.17268/sciendo.2018.053>

Tuesta, S. E., & Espinoza, J. L. (2018). El impacto de las organizaciones tributarias electrónicas en la formalización de las micro y pequeñas empresas peruanas. *Revista Tzhoecoen*, 11(4), 51-62. <https://doi.org/10.26495/tzh.v11i4.1234>

Vásquez, J. C. (2018). Elementos para la valoración integral de proyectos de emprendimiento social. Una herramienta para la formación de emprendedores. *Contabilidad y Negocios*, 13(26), 129-140. <https://doi.org/10.18800/contabilidad.201802.008>

Vélez, C. I., Bustamante, M. A., Loor, B. A., & Afcha, S. M. (2020). La educación para el emprendimiento como predictor de una intención emprendedora de estudiantes universitarios. *Formación Universitaria*, 13(2), 63-72. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-50062020000200063>

Vidal, M., & Fernández, B. (2009). Orientación vocacional. *Educación Médica Superior*, 23(2), 1-11.

Yamada, G., & Lavado, P. (Eds.) (2017). *Educación superior y empleo en el Perú: Una brecha persistente*. Universidad del Pacífico.

Zamora-Boza, C. S. (2017). La importancia del emprendimiento en la economía: el caso de Ecuador. *Revista Espacios*, 39(7), 15.